

[Texto das mensagens anteriores oculto]

**Thais de Araujo - Loures Consultoria** <[REDACTED]>  
Para: Naira Hofmeister <[REDACTED]>

4 de setembro de 2020 17:28

Oi, Naira.

Tudo joia?

Seguem abaixo as respostas (em azul).

Qualquer dúvida, pf, me avise.

Abs e obrigada

Nossa série de reportagens no Eco segue (a reportagem do BNDES ainda não saiu pois estamos aguardando uma resposta do banco, que está pendente) e escrevo para pedir esclarecimentos sobre as experiências e pilotos de rastreabilidade que foram feitas pela Minerva.

Quando entrevistei o Custódio para aquela reportagem da Mongabay, ele mencionou uma experiência piloto em Rondônia de rastreabilidade completa da cadeia, mas que fracassou. Seria possível fornecer mais detalhes sobre esse projeto, como tamanho, período em que foi desenvolvido e o que deu errado nele?

O projeto foi desenvolvido em 2015, em um momento bem diferente em termos de tecnologia, acesso a mercados internacionais e qualidade de dados técnicos (GTA, Prodes, etc). O piloto de rastreabilidade completa não se mostrou viável economicamente aos pecuaristas devido ao não reconhecimento do mercado consumidor para produtos de ciclo completo e dificuldade de reposição.

Também gostaria de saber se houve outras iniciativas de implementar rastreabilidade completa. Acho importante explicar aos leitores quais os problemas que a indústria tem para cumprir o compromisso de monitorar indiretos.

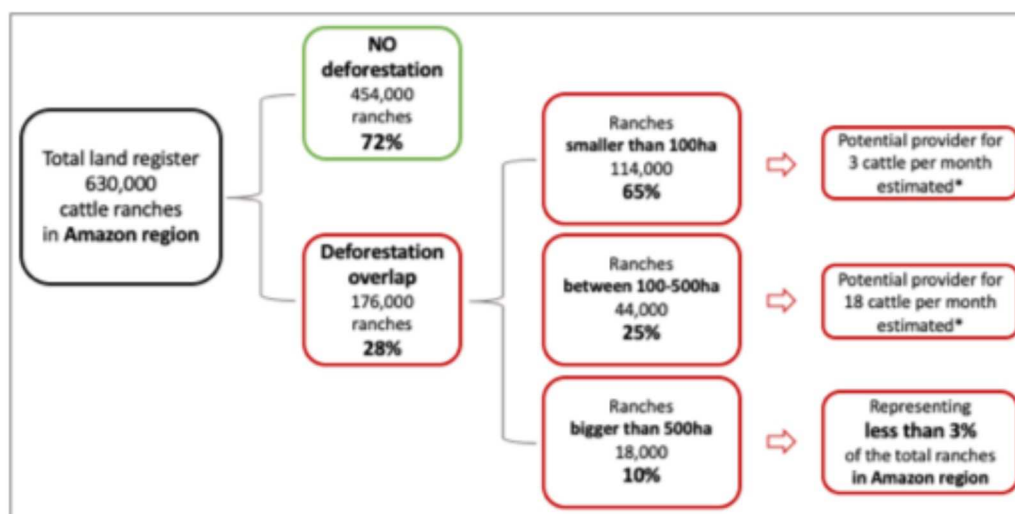
A maior iniciativa nacional para avaliar os riscos relacionados a não conformidade de fornecedores diretos é pioneirismo da Minerva Foods nos testes da ferramenta Visipec. Iniciado em agosto/20 em conjunto com o time de desenvolvedores da ferramenta, estamos conduzindo uma análise de riscos para a cadeia de fornecimento da empresa. Vale reforçar que também o Visipec tem as suas limitações relativas a temporalidade e espaço geográfico. A ferramenta não tem dados disponíveis para emissões de GTAs após meados de 2019 e não cobre todos os estados da Amazônia legal (para mais informações contatar (katiuscia.moreira@nwf.org).

O desafio de monitoramento do indireto ultrapassa a alçada de alavancagem da Minerva Foods. Possuímos cerca de 4% do abate inspecionado no Brasil e estimamos cerca 1,5-2% na Amazônia. Dessa maneira, o compromisso Minerva se estende a esse impacto setorial (1,5-2%). Para um sistema de monitoramento completo, é indispensável uma ação arquitetada entre todos os frigoríficos, agências de defesa agropecuária, ministério da agricultura, sociedade civil organizada e principalmente a classe produtora.

A Minerva Foods é uma empresa voltada para alta qualidade de produção – fato comprovado pelo share de exportação para países que exigem a mais alta qualidade do produto (China, EU, USA), onde o produtor para chegar na qualidade de produção investe pesado em tecnologia, genética e conformidade legal (animais jovens – 30 meses, bem-estar animal = pH máximo de 5.8, peso mínimo para macho e fêmea, etc).

Olhando a sobreposição de polígonos Prodes nos registros de CAR da Amazônia legal, temos uma concentração de 90% da incidência em propriedades até 500ha – estudo próprio conduzido pela Minerva em parceria com Niceplanet Geotecnologia (gráfico abaixo). Note que quanto mais qualidade é exigida do produtor rural, mais marginalizados ficam os produtores pequenos e médios, fomentando um mercado informal, que não faz parte da operação Minerva Foods. As chances de um produtor que consegue entregar 3 bois por mês ser um fornecedor da Minerva é praticamente nula – dado que esse produtor não tem rentabilidade suficiente para fazer o investimento necessário para entregar o animal que o mercado internacional demanda em qualidade. De certa maneira, é a qualidade internacional guiando mais sustentabilidade no campo, e em contrapartida, fomentado a marginalização dos pequenos e médios produtores que não rentabilizam o suficiente para investir em tecnologia. A probabilidade desse produto ficar no mercado interno é imensa.

Em 2019, 80% da produção da Minerva veio de sistemas de intensificação produtiva (confinamento, semi-confinamento e confinamento à pasto) e a idade média de abate foi de 30 meses. Fato material que nossa cadeia tem uma concentração de fornecedores de alta tecnologia, 100% conformes com as leis brasileiras, com menor emissão de GEE devido idade dos animais e cumprindo os mais rigorosos protocolos de bem-estar animal (para se manter o pH da carne abaixo de 5.8).



Sobre a contratação da Visipec, a Minerva já sabe quando vai de fato começar a monitorar os indiretos? Serão todos os indiretos ou apenas o elo imediatamente anterior aos diretos? Se for assim, há alguma perspectiva de tempo para ter rastreamento completo da cadeia?

A Visipec, até o presente momento, não se mostrou como uma ferramenta de potencial monitoramento de indiretos devido suas restrições de temporalidade e espaço geográfico, conforme explicado acima. A Minerva em parceria com NWF, Amigos da Terra e Maryland University, está trabalhando na análise de riscos da cadeia de fornecedores para se planejar ações factíveis e materiais para o controle de não-conformidades da cadeia de indiretos.

Outra dúvida que tenho é sobre o sistema adotado pela Visipeç. Se o acesso à GTA é sigiloso, como argumentam os frigoríficos, como a ferramenta vai acessar as guias e fazer o cruzamento para a Minerva?

O banco de GTAs era público até meados de 2019. A janela temporal é positiva, dado que a média de idade de abate da Minerva é de 30 meses e, portanto, os animais terminados para produção em 2020, refletem indiretos de 30 meses anteriores – contemplados na abrangência da Visipeç.

Para mais informações contatar [katiuscia.moreira@nwf.org](mailto:katiuscia.moreira@nwf.org)

[Texto das mensagens anteriores oculto]